

XII Encontro Regional de História.

Subtítulo: “Usos do Passado”.

Ano de realização do evento: 2006.

Niterói, RJ.

Publicado em Anais e em livros de resumo.

Entidade promotora do evento: Universidade Federal Fluminense.

Simpósio Temático: História do Esporte: panorama e perspectivas

Praias cariocas: de locais de saúde a complexos de entretenimento – uma análise comparada entre a transição dos séculos XIX e XX e a transição dos séculos XX e XXI.

Prof. Marcelo da Cunha Matos
Professor da rede privada de ensino

Resumo

O presente estudo visa pesquisar a importância e a ocupação das praias cariocas como espaços de lazer: de locais de promoção à saúde – para fins terapêuticos – na transição dos séculos XIX e XX, a grandes complexos de entretenimento na atualidade, que fazem da orla carioca um notável símbolo na cidade do Rio de Janeiro. Para tal, torna-se necessário abordar questões históricas que estão intrínsecas à temática em tela. Uma análise comparada do objeto central deste estudo nestes dois recortes temporais será de extrema relevância para entendermos como ocorreu essa ressignificação das praias cariocas. Ao longo do trabalho, utilizaremos referências à história urbana da cidade, definição de espaço – conceito-chave da Geografia – e suas implicações nas manifestações esportivas e de lazer.

Introdução

72,3 km. Esta é a extensão das praias cariocas, segundo o Armazém de Dados (2005). Em cada praia, uma forma diferente de uso do espaço urbano para o lazer da população do Rio de Janeiro. Torna-se sensível aos olhos de qualquer espectador que nela encontramos um

ambiente democrático no que se refere ao lazer do carioca. Em qualquer momento, qualquer pessoa pode aproveitar o seu espaço para um simples momento do não-trabalho.

Basta uma observação superficial para perceber uma diferenciação no uso das praias do Rio de Janeiro. Percebemos grupos sociais diversos apropriando-se de uma faixa de areia para inserir suas características culturais e comportamentais, oferecendo uma heterogeneidade a este espaço.

Ao pesquisarmos a história deste espaço na cidade, perceberemos que sua situação era bastante diferente do que a vemos hoje. Inicialmente,

o Rio de Janeiro dos europeus ficava atrás da praia, porque só a terra aqui lhes interessava. Vindos do mar para conquistá-la, os primeiros colonizadores deixavam as águas doces e salgadas do Novo Mundo entregues ao lazer de um povo brincalhão, que andava nu e tinha os dias contados, mas vivia o presente como se fosse para sempre (Gaspar, 2004, p. 31).

As praias possuíam um caráter relacionado à saúde do seu usuário, ou seja, propagava “as virtudes terapêuticas da água fria do mar, creditando-lhe a longevidade de povos vivificados por antiga tradição marítima” (Gaspar, 2004, p. 32), possibilitava a cura para certas doenças e zelava pela higiene corporal, difundida pelas chamadas Teorias Higiênicas que veremos mais adiante.

É através desta diferenciação entre os costumes vivenciados nas praias do Rio de Janeiro em duas épocas distintas – transição do século XIX e XX e transição do século XX e XXI – é que buscarei neste estudo uma análise comparada dos hábitos de lazer.

Tal pesquisa encontra-se ainda em fase inicial de estudo, coletando dados, bibliografias, informações e embasamento teórico que possibilite alicerçar o objeto em questão no que tange a pesquisa acadêmica. Trata-se de um projeto que vislumbra o ingresso no Mestrado em História Comparada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ com o intuito de torná-lo uma dissertação.

Desenvolvimento

Na cidade do Rio de Janeiro, cuja geografia, paisagens e suas relações sociais proporcionam uma prática cotidiana de lazer, o meio acadêmico não pode se ausentar deste vasto e promissor campo de estudos. Melo (2001) confere ao Rio de Janeiro a categoria de uma “cidade esportiva”.

Historicamente, a cidade do Rio de Janeiro tende a influenciar os aspectos comportamentais e culturais, sendo referência para o restante do país. Dessa forma, podemos considerá-la como norteadora de diversos costumes de lazer. Acerca disto, Roedel (2004) afirma:

Sua base sociocultural, cujo nexos entre o nacional e o internacional se constituiu em uma importante marca da identidade carioca. A centralidade político – cultural, desse modo, incorporou influência das mais diversas regiões do país e fora dele. Ao influenciar o imaginário nacional, autorizou por longa a data à cidade do Rio a se apresentar como a síntese do Brasil (p. 20).

Símbolo nacional e internacional, as praias cariocas são espaços de grande valor vinculados ao lazer de sua população. Grandes epicentros de lazer para a cidade, atualmente as praias são alvo incessante de associações com a moda, propagando estereótipos de beleza, palcos para shows, eventos esportivos, divulgações de festas, hábitos e consolidando novos costumes. Além disso, suas imagens expostas pelos meios de comunicação disseminam ainda mais a atração de novas práticas de lazer nesses espaços. Enfim, em nossa contemporaneidade, elas se tornaram grandes complexos de entretenimento para a população.

Tal fato nos remete ao conceito “Sociedade do Espetáculo”, bastante relevante e pertinente na temática em tela, tratado pelo filósofo Guy Debord (1967), já que as atividades de lazer

se apresentam como marcas de um novo *modus vivendis*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas. São impregnadas pela idéia de luxo, pelas marcas de

classe, pela influência da tecnologia, pela espetacularização do corpo, pela valorização da imagem, pela perplexidade perante a velocidade e a fugacidade (Melo, Peres, 2005).

Segundo Debord, tal teoria considera a “onipresença da imagem na cultura contemporânea como uma expansão do fetichismo das mercadorias e das superestruturas com suas conseqüências sobre as maneiras de pensar, sentir, desejar, consumir e agir” (Fridman, 2002).

As praias cariocas tornam-se, no bojo da contemporaneidade, uma imagem bela, valorosa, interessante, um produto fundamental à lógica capitalista ao atribuir à região uma valorização do seu espaço, principalmente na Zona Sul carioca, uma vez que pelos motivos já citados, as praias brasileiras, especialmente às do Rio de Janeiro representam uma importante fonte de divisas, fundamentalmente oriundas do turismo internacional. Isto vem ocasionando uma maior oferta de serviços, maior quantidade de espaços culturais e, conseqüentemente, uma grande valorização dos imóveis das residências litorâneas ou próximas ao litoral.

Tal apreciação torna-se interessante e atraente para os olhos de um pesquisador, uma vez que, ao analisar a situação de outrora deste recorte espacial na cidade do Rio de Janeiro, perceberemos que ela estava distante de exercer a função que vemos atualmente. Por isso, o estudo comparativo encaixa-se adequadamente nesta investigação, uma vez que busca “as semelhanças e as diferenças que apresentam duas séries de natureza análogas, tomadas de meios sociais distintos” (Bloch apud Cardoso, 1983, p. 409).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é uma análise comparada dos hábitos de lazer da população carioca nas praias nestes dois recortes temporais – transição dos séculos XIX e XX e a transição dos séculos XX e XXI –, sendo de extrema relevância para entendermos como ocorreu essa ressignificação das praias cariocas, tanto no aspecto sócio, cultural e humano como no aspecto econômico.

Embora, saibamos que o Rio de Janeiro possui uma vasta orla, restringiremos nosso campo de pesquisa a duas áreas da cidade: as praias do centro do Rio de Janeiro - quando

estudaremos o primeiro recorte temporal – transição do século XIX e XX –, as praias da Zona Sul carioca quando analisaremos a transição do século XX e XXI. Isso se prende ao fato da importância sócio-cultural das épocas em questão que se tornarão referências nestes momentos.

Para tal, o presente projeto necessita investigar a definição de espaço – conceito-chave na Geografia –, área em que me sinto à vontade em dialogar, já que possuo formação acadêmica nesta cadeira, além da graduação em Educação Física.

A Geografia Cultural, uma ramificação moderna da ciência geográfica que analisa a dimensão espacial da cultura, também contribuirá de forma relevante para a pesquisa. A partir da segunda metade da década de 1970, verificou-se na Geografia Cultural uma significativa mudança, calcada em outras referências teóricas e metodológicas o que produziu uma nova agenda de investigação. De um lado, a Geografia Cultural é influenciada por aportes das filosofias dos significados, do materialismo histórico e dialético e das humanidades em geral. De outro, amplia-se o temário, incorporando os temas tradicionais, agora submetidos a uma nova leitura, agregando a outros, até então estranhos à Geografia Cultural.

Nessa mudança, o conceito de cultura é repensado. A cultura não é mais vista como entidade supra-orgânica, nem como superestrutura. A cultura diz respeito às coisas correntes, comuns, apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local. Idéias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas – tudo isto é cultura, e, em uma sociedade de classes, é possível, como propõe Raymond Williams, falar em cultura dominante e culturas alternativas, isto é, residuais e emergentes. A cultura contém e está contida em um ambiente político. A diversidade cultural, por outro lado, é reavaliada e confirmada. (Corrêa e Rosendahl, 2004).

No primeiro recorte – final do século XIX e início do século XX – pretendemos abordar minuciosamente a história carioca, passando por todo o processo de urbanização da cidade, pela época conhecida como *belle époque*, sua influência no modo de vida da população e nas suas ações de lazer e esportivas. Elas estão intimamente ligadas à dinâmica estrutural urbana da sociedade e é através desta que entenderemos sua evolução. Brena (1985, p. 8) afirma:

“É no espaço urbano que se defrontam as ideologias e as praxes, e onde podemos ler, de forma bastante clara, os mecanismos e resultados daquilo que foi se definindo cada vez mais como um verdadeiro “choque cultural”.

A chamada *belle époque*, adoção do modismo europeu pelas elites da cidade, foi um fator relevante na mudança de postura com relação a esses novos hábitos¹, já que sem a referência do Velho Mundo o país continuaria com os mesmos costumes nada aprazíveis do período do início do século XIX.

A Zona Sul emergiu na vida urbana carioca através da construção dos bondes, da incorporação imobiliária de Copacabana, da desinfecção dos verões pelo médico Oswaldo Cruz e das reformas modernizadoras de Francisco Pereira Passos (Gaspar, 2004). Este último iniciado no início do século XX foi outro fator preponderante que indiretamente influenciou a evolução esportiva, visto que não era seu objetivo principal: foi a Reforma Passos, de 1902 a 1906. Influenciada pela *belle époque*, a cidade do Rio de Janeiro passou por um grande plano de remodelação urbanística (segundo o modelo francês) e, conseqüentemente, trazendo inúmeras modificações de cunho social e até mesmo cultural (Matos, 2004). Abreu (1997, p. 67) apóia a idéia de que a Reforma Passos:

“É a superação efetiva da forma e das contradições da cidade colonial-escravista, e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências do Modo de Produção Capitalista. Neste movimento de transição o papel do Estado foi fundamental, tanto no que diz respeito à sua intervenção direta sobre o urbano, como no que toca ao incentivo dado á reprodução de diversas unidades do capital”.

Uma dessas transformações ajudou muito na evolução das práticas esportivas como, por exemplo, a valorização da balneabilidade litorânea, proporcionando a difusão do uso da orla para diversos propósitos².

¹ É válido ressaltar que tais modificações comportamentais fazem parte de um conjunto de fatos conglomerados que foram apropriados e ressignificados.

² Um grande exemplo foi a difusão do Remo, tornando-se, no início do século XX, o esporte mais popular da cidade que disseminava a idéia de corpo são, mente sã.

Anteriormente a esta época, a população do Rio de Janeiro, localizada no que é hoje a área central da cidade, valorizava mais as atividades intelectuais do que as atividades físicas, sendo essas alvo de desdém e preconceito.

Esse cenário de aversão por qualquer tipo de exercício físico era explicado pelas atitudes de desconsideração que a sociedade carioca tinha pelo espaço público: um ambiente apático, indiferente. A população utilizava-o de uma maneira bastante austera e com uma concepção muito distinta da que se tem nos dias atuais.

As classes elitistas da cidade demonstravam claramente sua posição quanto ao espaço urbano da época. Eram extremamente indiferentes em relação a qualquer tipo de ato que exigisse esforço muscular, não demonstrando haver qualquer preocupação com a saúde física. Além disso, havia uma ausência de socialização nas ruas e o costume de sair de casa era praticamente inexistente (Mascarenhas, 1999).

O mau cheiro, o tráfego intenso, barulhento e perigoso das carroças, além das péssimas condições de pavimentação das ruas, eram outros aspectos negativos que refutavam a idéia de uma aproximação da população ao espaço público, local que, à época, demandava uma organização social. Melo (2001, p. 38), a respeito desse assunto, complementa que no Rio de Janeiro

“...as condições de saneabilidade e salubridade eram péssimas. Sem uma estrutura de esgotos, coleta de lixo e abastecimento de água, a população era constantemente agredida pelas epidemias de doenças tropicais, como a cólera e a febre amarela. Somava-se a isso uma medicina bastante embrionária e os costumes pouco higiênicos trazidos pelos colonos portugueses”.

Naquela época, não havia, entre a população, o costume de se banhar, restringindo esta atividade apenas a alguns indivíduos das classes proletárias. O costume do banho de chuveiro surgiu apenas mais tarde. Melo (2001) comenta que tal desinteresse pela limpeza dos corpos refletia no litoral da cidade, uma vez que grande parte do lixo era jogado ao mar no fim do dia.

Dessa forma, com um panorama urbano como este, o desenvolvimento de uma rede de sociabilidades que pudesse, porventura, gerar práticas de lazer foi dificultada profundamente. Entretanto, a tradicional visão que fazia parte dos espaços públicos agregava certos valores que mostravam que a evolução da prática do lazer pela população carioca era questão de tempo e novos hábitos seriam incorporados às suas vidas como, por exemplo, o uso da praia.

Um processo iniciado em meados do século XIX ajudou a mudar esta problemática social que havia na cidade: o fortalecimento das Teorias Higiênicas. Sobre isso, Pereira (2000, p. 42) comenta:

“Dentro desse impulso geral, que vinha pelo menos desde os tempos do Segundo Reinado, um objetivo particular ia assumindo, para os médicos dos primeiros anos do século, uma importância especial: a higienização do corpo do indivíduo, supostamente depauperado por séculos de inércia e de preguiça”.

Médicos da época já refletiam acerca da importância das atividades físicas para crianças, adolescentes e adultos. Inúmeros estudos foram publicados e, junto a isso, ganhava força a inclusão do ensino da ginástica em escolas primárias e secundárias da cidade.

As teorias higiênicas transformavam-se, portanto, num primeiro passo para a inclusão de novos adeptos aos esportes e ao uso do mar para o lazer. Além do mais, era uma sólida justificativa para empresários convencerem patrocinadores a conceder um suporte adequado para implantação de futuros espaços para o jogo e, até mesmo, formulação de campeonatos.

“Depois da medicina, foi o bonde que levou o carioca à praia” (Gaspar, 2004, p. 34). Algumas áreas como a atual Copacabana, Leme, Leblon e Ipanema, eram no final do século XIX locais difíceis de acesso. Assim, com o coletivo, primeiramente movido a tração animal e, depois, a eletricidade, a população carioca pôde ampliar os limites da cidade para áreas consideradas desertas, “onde os passeios eram verdadeiras aventuras” (Gaspar, 2004, p. 34).

Além disso, a partir do fim do Império, em 1889, a elite perde a referência política, localizada no bairro de São Cristóvão. Nascia, portanto, um novo caminho de desenvolvimento em que a população carioca expandia-se para a Zona Sul. Essa mudança de postura, por certo, foi muito importante no desenvolvimento do litoral e no envolvimento das elites com essa nova área.

Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade em 1905, estimulou esta migração para a Zona Sul, entre outras obras³, investiu maciçamente em campeonatos de Remo para difundir sua prática pela juventude carioca. Conseqüentemente, houve uma grande remodelação urbanística e transformações de cunho social e econômico em direção a esta nova área. “O espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade” (Corrêa, 1995, p. 26).

Deste modo, modificava-se cada vez mais o espaço urbano da cidade, transformando-a numa cidade moderna, “européia”, higiênica, oxigenada, gerando ocupações em novas áreas, além de melhorar o fluxo de pessoas para as áreas litorâneas.

No segundo recorte temporal – final do século XX e início do século XXI – encontramos na orla carioca um ambiente reconfigurado. As praias tornam-se um espaço de entretenimento, em que o lazer torna-se fator primordial. Para corroborar tal fato, além de investigar em livros relacionados a esta temática, jornais e revistas atuais são de profunda importância, haja vista a coleta de informações acerca das praias cariocas como, por exemplo, as tendências da moda para o próximo verão, as informações turísticas para os visitantes, a realização de shows, eventos esportivos, projeção da cidade no cenário internacional e nacional etc. Assim, é possível perceber sensivelmente a relevância das praias no que diz respeito ao lazer para os cariocas assim como a valorização do relacionamento homem-espaço geográfico.

Torna-se interessante também buscar relatos e informações sobre o significado das praias para os cariocas. Algumas perguntas necessitam ser respondidas: Qual a relevância da praia para o lazer do carioca? Qual sua importância no imaginário do carioca? Qual a sua importância no aspecto sócio-econômico? O que ela proporciona enquanto área de lazer? Quais

³ A Avenida Beira-Mar, construída em seu plano de reformas, por exemplo, era palco de grandes disputas ditas modernas e civilizadas de remo.

as comparações que podemos traçar entre as praias de hoje e do final do século XIX? Podemos fazer também analogias? Pretendemos ainda dialogar com a Antropologia e a História, proporcionando uma mescla de conhecimento interdisciplinar necessária em um estudo acadêmico.

Conclusão

Sabemos que estamos na fase embrionária da pesquisa e que teremos muito ainda a percorrer. Diversas inquietações acadêmicas ainda surgirão o que, por si só já justificaria esta pesquisa acadêmica, mas há mais: há o desejo da descoberta ou descobertas das grandes transformações que a nossa cidade e, conseqüentemente, a sua população vem passando.

O Rio de Janeiro é a cidade brasileira que mais recebe turistas nacionais e internacionais durante todo o ano. Um dos motivos principais está na beleza das paisagens existentes na natureza ainda presente em meio à metrópole, nos prédios que contam um pouco de sua história, nos atrativos criados pela importância que representa para o país. Mas, o que mais chama a atenção dos turistas são as praias. Elas também são um dos maiores orgulhos dos cariocas. Enumerar as principais praias cariocas é quase impossível, já que cada uma delas tem seu charme especial, além de ser procurada por tipos de visitantes diferentes. Elas começam na Baía da Guanabara e se estendem às margens do Oceano Atlântico numa seqüência contínua e bela.

Há ainda que ressaltar que, nas transformações que motivam esta pesquisa, o corpo humano ganha destaque na análise da cultura carioca. Esta cultura foi, por muito tempo, simbolizada pela figura de Leila Diniz que, nos anos 60/70, se mostrou grávida, solteira, de biquíni, seminua na praia de Ipanema, passando a ser encarada como verdadeira encarnação do espírito da cidade. Assim como Leila Diniz, o cenário natural do Rio de Janeiro tornou-se fonte de inspiração para a valorização do corpo ou até do hedonismo e a supervalorização do corpo. Porém, é incontestável que este processo está associado a um lugar privilegiado em matéria de belezas físicas humanas. Assim, ao lado de suas mulheres “esculturais”, a imagem de lugar mais belo do mundo ostentado pela cidade se deve também à peculiaridade de sua natureza que combina praias, morros e ao talento do carioca tanto na beleza física quanto na sua facilidade de se adaptar a novas culturas e hábitos.

No momento em que tantos estudos lançam luz sobre um mosaico de culturas que se engendram e reproduzem no complexo emaranhado da desigual sociedade urbana da metrópole do Rio de Janeiro, certamente será possível interpelar o projeto de construir a cultura carioca a partir de um recorte na ocupação e significado das praias do Rio de Janeiro e o que estas simbolizam e significam para a população desta cidade.

Bibliografia

ABREU, Maurício de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ARMAZÉM DE DADOS. *Extensão das praias, segundo as Regiões Administrativas*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível na Internet: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br>. Acessado em 30 de Julho de 2006.

BRENA, Giovanna R. D. *Uma cidade em questão: duas etapas de uma proposta interdisciplinar*. Revista do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.7-13, dezembro/1985. p.8.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Os Métodos da história*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983, 3ª ed.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço, um conceito-chave da Geografia* In: CASTRO, I. E., CORREA, R. L. e GOMES, P. C. C. (orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FRIDMAN, Luis Carlos. *Política e Cultura. Século XXI*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GASPAR, Claudia B. *Orla Carioca*. São Paulo. Metalivros, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Geografia e os Esportes: uma pequena agenda e amplos horizontes*. Conexões: Educação, Esporte, Lazer. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), junho de 1999, p. 46-59.

_____. *Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, p, 17-39, junho de 1999.

MATOS, Marcelo da C. *O contexto da produção de um objeto geográfico na cidade do Rio de Janeiro e sua centralidade: o estádio de São Januário*. Rio de Janeiro. Monografia de graduação, Uerj, 2004.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. PERES, Fabio de Faria. *Lazer, Esporte e Cultura Urbana na transição dos séculos XIX e XX: conexões entre Paris e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005.

PEREIRA, Leonardo A. de M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ROEDEL, Hiran. *Uma cidade de muitos lugares*. In: VIEIRA, Fernando e ROEDEL, Hiran (orgs.). Rio de Janeiro: panorama sociocultural. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 2004. p. 19-56.